Globethics Repository



Teilhard de Chardin, na perspectiva do Sul, do Terceiro Mundo [Teilhard de Chardin, South perspective, the Third World]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Dos Santos, Carlos James
Publisher	EATWOT's International Theological Commission
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-16 00:26:18
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/223183

Teilhard de Chardin, na perspectiva do Sul, do Terceiro Mundo

Carlos James DOS SANTOS sj*
Brasil

Ao ler este artigo, é provável que o leitor ou leitora se encontre abrigado(a) sob uma moradia, uma construção feita pelo ser humano, ou que esteja à sua volta. Poderá então constatar que não se improvisa a construção de um edifício, e que toda estrutura complexa criada exige uma planta na sua origem, bem como a intencionalidade de seu autor. Teremos então de nos perguntar onde está a planta a partir da qual fomos feitos, com tamanha complexidade, como é a do nosso corpo e da nossa mente?

Nossos pais não dispuseram, nem podiam fazer planta alguma de nós, a partir da qual seríamos feitos. De onde vem então o saber-fazer uma pessoa humana, viva, com toda a sua beleza e complexidade?

As ciências nos explicam que esse saber-fazer está nas duas células minúsculas do homem e da mulher, o espermatozoide e o óvulo; e que, após a fecundação, o DNA de cada uma das células estará no ovo. Mas, então, de onde vem esse saber que está no DNA?

Esse tipo de pergunta pode receber dois tipos de respostas. Uma, que considera o milagre da vida acontecendo no mundo como uma peça de uma estrutura mecânica, em que a origem de tudo ocorre por acaso. Uma vez iniciado, o processo vai adiante por seleção natural, até que apareça o homem, mas sem ver a relação que há entre tudo e o todo.

Há uma outra forma de responder a questão, que vai mais fundo, que busca não apenas explicar como esses processos ocorreram, do ponto de vista da ciência e da razão moderna, mas também que busca compreender qual o sentido de tudo isso que existe: da bactéria ao cérebro humano; do planeta Terra ao sistema solar; do sistema solar até a origem do Universo.

A pergunta pelo sentido das coisas é a que dá o fundamento ético da convivência humana e que revela a importância da História, seja ela dos Homens, da Vida ou do Universo. Ela busca também respostas expli-

cativas, é verdade; mas vai além. Ela visa, sobretudo, respostas que dão conta das relações que unem os seres humanos entre si; os seres humanos com a natureza, e as relações que existem entre todos os fenômenos, entre tudo o que há na Terra, no sistema solar, em todo o Universo. Foi nessa perspectiva que se colocou o jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin, cientista, teólogo e místico (1881-1955).

1. Não é ver para agir. É ver para ser mais.

Depois de ganhar notoriedade junto a intelectuais e cientistas a partir do final dos anos 1940 e 1950, a vasta obra científica, teológica e espiritual de Teilhard de Chardin perdeu relevância e caiu no ostracismo nas décadas seguintes.

Isso se deu, segundo seu grande conhecedor e pensador jesuíta, Pe. Henrique Vaz, porque após o otimismo dos anos que sucederam ao Concílio Vaticano II, as teologias então emergentes atravessaram o labirinto do desconcerto e da crise, para falar da "morte de Deus", e para lançar mão de instrumentais analíticos, sobretudo das ciências sociais e da filosofia moderna, para repensar os conteúdos da teologia e da vida da Igreja, desconstruindo dessa forma o edifício tradicional da teologia tomista até então dominante.

Ora, observa Pe. Vaz, "todas essas mudanças operaram-se em sentido contrário ao que fora a marcha vitoriosa do teilhardismo nos anos da sua expansão"(Revista Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 23, n. 74, 1996, p.350). Isso porque o pensamento de Teilhard opera no sentido oposto ao da fragmentação das teologias modernas e das ciências, de modo geral.

O abandono das abordagens holísticas e a fragmentação consequente dos saberes, desde Descartes, se traduziram para as teologias pós-conciliares numa busca de sentido para as crises existenciais e de civilização; ou busca do sentido de justiça e combate aos sistemas opressores, como ocorreu na América Latina.

Ao passo que Teilhard se propôs desenvolver uma compreensão unitária e holística de toda a história da evolução, desde as origens no big-bang, numa leitura única que integra a visão das ciências com a fé no Deus criador e salvador. Esse lugar de ver e interpretar o mundo e sua complexidade prioriza a theoria, a contemplação, no seu ponto de partida; ao contrário das filosofias e teologias modernas, que caminharam na direção da práxis, como conceito que une a prática (ação) e a explicação da prática (teoria), para compreender a história humana e explicá-la como ação transformadora e revolucionária.

Esse foi o enfoque seguido pela(s) Teologia(s) da Libertação na América Latina, cujo pressuposto hermenêutico foi o de tomar como ponto de partida a análise estrutural da realidade, para pensar e realizar a práxis cristã transformadora, à luz da Palavra de Deus, e voltada para as causas dos empobrecidos e oprimidos.

Seria, no entanto, um engano achar que, por se tratar de posições iniciais opostas, a contribuição do Pe. Teilhard de Chardin deixa de ter relevância hoje. Para Teilhard, é preciso mudar o modo de ver a realidade, porém não para agir primeiramente, mas para ser mais.

2. Visão unitária de Teilhard: a Matéria como tecido que não pode ser rasgado

Pe. Teilhard de Chardin tinha uma imensa paixão por Deus, que o moveu a buscar uma unidade na visão da fé na criação do Mundo, e no mistério da Encarnação, com a visão científica e evolutiva do Universo. Para ele, era fundamental partir do presente.

Mas o que vemos quando contemplamos o presente?

Constatamos que em nosso planeta Terra surgiu o Pensamento, ou a esfera do Pensamento, a Noosfera; mas, primeiro, foi preciso que se formasse a Biosfera, a fina película que reveste o planeta e que tornou possível o surgimento e a manutenção da Vida. Mas para que a Biosfera surgisse, foi preciso que se formasse a Litosfera, o planeta terrestre, no qual se formou a Biosfera e a Vida se desenvolveu, da bactéria até o Homem.

O Planeta Terra, por sua vez, precisou surgir na posição dentro da Zona Habitável do Sistema Solar, há cerca de 4,6 bilhões de anos, na exata localização que permite que a água seja líquida. Mais próxima 5% do Sol, e o efeito estufa tornaria inviável a água em estado líquido; 20% mais distante, seria um planeta gelado, como Marte.

Ao mesmo tempo, para que exista um Sistema Solar no qual haverá um Planeta que tenha água líquida e a Vida possa evoluir, como o caso da Terra, será preciso que esse sistema esteja localizado na Zona Habitável da Galáxia, no nosso caso, a Via Láctea. Precisará ainda que o seu Sol seja uma estrela G2 anã, capaz de emitir luz branca, a que torna possível a fotossíntese; fosse um pouco maior, a gravidade do Sol tornaria inviável que o Planeta pudesse existir na Zona Habitável; fosse menor, o Planeta estaria distante dessa possibilidade, e a Vida seria inviável.

Em termos de probabilidade, as chances não são zero, mas quase isso: são de um sobre um quatrilhão! Porém todas as variáveis improváveis surgiram no momento certo, no lugar certo, com as proporções corretas, para que a vida e a autoconsciência pudessem surgir.

Uma cosmovisão diferente:

Essa visão de mundo é muito diferente daquela apresentada pela Bíblia, que nos traz um cosmo estático, que concebia o universo como uma estrutura de esferas concêntricas e sobrepostas da realidade, até o empíreo, a última esfera em que se localizava a morada de Deus. Nessa visão tradicional, que dominou até Copérnico, Kepler e Galileu, predominava a dimensão espaço. Nela o tempo era a simples medida da duração dos acontecimentos em seus acidentes e nada mais. Esta visão, segundo Teilhard, não permite um diálogo honesto com as ciências. Era preciso mudar a maneira de ver o mundo, a partir da evolução.

Entretanto, as ciências modernas ainda não conseguiram realizar a proeza de atingir uma visão conjunta, que unifique todos os saberes acumulados, porque as ciências operam de uma forma externa à realidade dos fenômenos que estudam e observam. Identificam a energia secundária, tangencial, externa dos fenômenos. Mas sem ver o "dentro das coisas". Para ver por dentro os fenômenos, segundo ele, será preciso buscar um eixo de sentido, a que vou comparar a um varal, que ele dá o nome de Hiperfísica.

O varal hiperfísico: a complexidade da Matéria

O varal hiperfísico tem uma de suas pontas estendida na direção do passado, no espaço-tempo de suas origens, no *big-bang*, quando começa a se formar e expandir o espaço-tempo, como uma bexiga que vai sendo cheia de ar, nas suas dimensões de altura, largura e profundidade, e o tempo a sua quarta dimensão. A uma temperatura altíssima, o plasma inicial precisa esfriar, para que os primeiros elétrons surjam. Isso levou cerca de 300 mil anos.

Antes do tempo de Plank (10^{-43} segundos), as ciências não sabem o que ocorreu. A partir de então, a Matéria começa a se formar com o surgimento dos elétrons e do hidrogênio, o átomo mais simples e leve.

O varal hiperfísico – ou o eixo do tempo centro-complexidade – é o que deve revelar a importância e o sentido do surgimento da Terra e da autoconsciência. Não pode ser o infinitamente grande das galáxias; nem o infinitamente pequeno da Física Quântica, voltada ao estudo das subpartículas atômicas.

O varal hiperfísico é o que se define pelo *infinitamente complexo*: do surgimento da matéria até o aparecimento do homem, *flecha da evolução, o único que sabe que sabe*. Por isso que, na sua obra mais importante, o Fenômeno Humano, Pe. Teilhard fala da Matéria Total, para superar dicotomias que opõem matéria e espírito de modo irreconciliável.

Na longa evolução do Universo, que dura mais de 13 bilhões e 700 milhões de anos, há uma integridade inatacável do seu conjunto, formando um Sistema, em que cada elemento do Cosmo é positivamente tecido de todos os outros, sendo impossível "cortar nesta rede e isolar um retalho sem que este se desfie e se desfaça por todos os lados". Todos os átomos que formam as moléculas de nosso corpo, ou a matéria mineral e orgânica do Planeta, foram criados nas estrelas.

A Matéria, o Estofo do Universo, não se pode rasgar. Surge daí a segunda dimensão dessa integridade inatacável: o Totum (o conjunto). A Matéria como um tecido de uma só peça, um bloco, um conjunto, segundo um único processo que se desdobra como em um cone, para partir da sua base piramidal circular e adquirir na ponta estreita do vértice, maior consciência e complexidade. Finalmente, a terceira qualidade da Matéria, no varal hiperfísico: o Quantum de Energia, presente na origem e até o extremo do Universo, que Teilhard define em relação à duração, nos seus 13 bilhões e 300 milhões de anos.

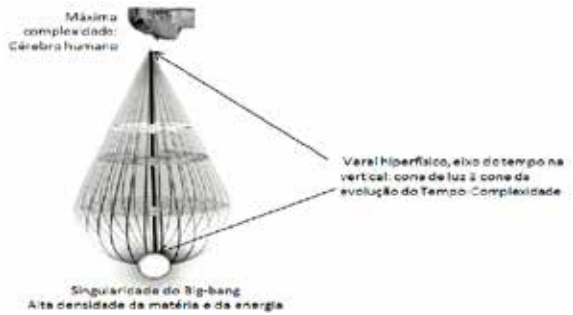
Se o leitor fixou a ponta do varal hiperfísico nas origens, após 10-43 segundo da explosão inicial, teremos de buscar agora onde apoiar e estender a outra ponta da extremidade desse varal.

Uma dica vem dada por uma explicação do físico inglês Stephen Hawking (em "O Universo numa casca de noz"), a respeito de um observador que contemplasse os céus, olhando as estrelas e galáxias, o que é o mesmo que olhar o passado.

"Em um diagrama com o tempo traçado para cima e o espaço traçado para os lados, esse é um cone com seu vértice, ou ponta, em nós". Quanto mais voltarmos no passado, descendo o cone a partir do vértice, em que se encontra o observador, vemos galáxias cada vez mais remotas; quanto mais prosseguirmos na direção do passado, mais o cone se abre na sua outra extremidade, pois estaremos olhando regiões de densidade de matéria maior, num espaço-tempo que o Universo era mais quente. Será possível observar então um fraco fundo de radiação de micro-ondas, que se propaga pelo Universo, ao longo do cone de luz, proveniente de uma época remota, a da explosão inicial.

Quando o Universo é considerado do ponto de vista da evolução da Matéria que não pode ser rasgada, o aumento e crescimento da complexidade e da consciência seguem uma estrutura que, quando apreendida, é a mesma do cone de luz, de que fala Stephen Hawking.

Ou seja. A outra ponta do varal está posta no observador: o Universo convergiu para o Homem, na maior complexidade até então conhecida: a arquitetura do cérebro humano, com seus bilhões de neurônios.



Ora, dirá Teilhard, se ao contemplarmos esse varal do tempo-complexidade, constatamos que o Universo evoluiu da máxima densidade e dispersão da matéria, desde a primeira formação dos elétrons, até a máxima complexidade do cérebro humano, então, tal como ocorre no cone de luz, o varal hiperfísico do tempo-complexidade revela que o Universo evolutivo possui uma estrutura convergente. Convergiu para o Homem, para o cérebro humano! Essa perspectiva do Universo se revela somente no varal do tempo-complexidade. Mas o que terá feito que fosse assim?

3. O dentro dos fenômenos: a energia primária psíquica ou radial

Tudo o que existe pela Evolução é resultante de uma mesma Energia cósmica, chamada por Teilhard de Energia psíquica ou radial, que leva da diversidade à união e unificação da Matéria. É uma energia cuidadora, que age segundo leis constantes, e que enfrenta o antagonismo de duas correntes contrárias: a da entropia, "arrastando a matéria para estados de extrema desagregação"; e "outra culminando na edificação de unidades orgânicas cujos tipos superiores, astronomicamente complexos, formam aquilo que denominamos 'o mundo vivo'" (*O Fenômeno Humano*). Se a Vida foi possível na Terra, até a emergência do Pensamento, foi em função dessa Energia de Complexidade-Consciência, que nos conduz ao infinito ordenado e improvável, que fizesse surgir a vida e a autoconsciência.

A emergência de uma dimensão qualitativamente nova, como o pensamento reflexo, implica, necessariamente, que em todo elemento do Universo exista, ainda que seja em grau infinitesimal, alguma psique, interioriedade, consciência. Teilhard de Chardin observa que esse é um princípio intrínseco na Evolução, uma condição necessária para que a complexidade do processo atinja na sua ponta mais desenvolvida, a consciência reflexiva no Homem.

Por isso, segundo ele, não faz sentido falar em Cosmo – o mundo belo e ordenado, porém estático e acabado – mas em Cosmogênese, em temporalidade evolutiva permanente do Universo.

A Cosmogênese possui leis constantes na sua estrutura evolutiva, porque nela age a Energia primária psíquica ou radial: 1) é irreversível em sua evolução, de modo a haver continuidade na duração; 2) isso leva o Universo a apresentar planos de realidade cada vez mais complexos e ricos, com maior concentração psíquica e coesão; 3) um ser é tanto mais perfeito quanto mais complexo, mais unificado for e mais elementos unifica. Esse processo está em pleno andamento, pois implica também a evolução moral e espiritual do ser humano.

No varal hiperfísico do centro-complexidade, constata-se os resultados dessa energia psíquica a agir rumo ao avanço contínuo da complexidade. Esta, por sua vez, é organizada, centrada, estruturada. E, ao invés de apontar para o alto, para Deus, como nas cosmovisões tradicionais, estáticas – seja a cosmovisão bíblica, seja a grega – aponta para o maior teor de consciência, que é o próprio ser humano.

Se a Matéria torna-se cada vez mais complexa, centra-se, interioriza-se, espiritualiza-se até a emergência da auto-reflexão, então não existe a Matéria de um lado, e, de outro, o Espírito puro, mas Matéria tornando-se Espírito.

A energia radial psíquica, para Teilhard, é o modo como se torna real a presença de Deus em todo o processo. Vem por dentro, unificando a Matéria e espiritualizando-a. Por isso, dirá ele, essa Energia pode muito bem receber o nome que lhe convém: Amor! Pois o amor une, e a união no amor diferencia.

O "espírito da Terra"

O Planeta Terra é o elemento fundamental de explicação da história da vida e da história do homem. Essa significação da Terra para o ser humano é o que Teilhard chama de "espírito da Terra", a única unidade humana verdadeiramente real e natural, que torna possível compreender nossa situação em relação ao planeta em que nos encontramos.

Pois a Evolução possui um sentido ao longo da curvatura Espaço-Tempo do Universo, que pode ser dividido em grandes etapas até o aparecimento da Consciência reflexiva.

No estágio da Pré-Vida da Cosmogênese, em que predomina a Matéria inanimada, ocorre na Terra o surgimento da Litosfera, da substância material que formou a crosta do planeta, há cerca de 4,6 bilhões de anos. Ela se forma de modo a ser totalmente favorável ao surgimento da vida.

No estágio da Vida, o da Biogênese, preparado pela fase anterior, iniciou-se com o aparecimento dos aglomerados de minúsculas bactérias

e da célula do tecido vegetal. A Biosfera, a camada da vida propriamente dita, teve então início, há cerca de 3,5 bilhões de anos, pelo surgimento da atmosfera favorável à aerobiose, por meio da fotossíntese.

A fotossíntese é a magia básica da vida, ao transformar, por meio de um processo complexo, a energia solar em alimento para plantas e animais, além de reciclar o oxigênio na atmosfera. Esse fenômeno submeteu toda a atmosfera a um processo de transformação profunda, para o surgimento da biodiversidade, fazendo-a passar de uma atmosfera de alta concentração de gás carbônico para uma atmosfera dinâmica, autoreguladora, constituída por um equilíbrio delicado de nitrogênio (79%), oxigênio (20%), carbono e outros gases (1%).

No caso da Vida na Terra, existe nesse processo um caráter de aperfeiçoamento progressivo das espécies que é irreversível. Embora ocorra por diferenciação, as diferentes espécies produzidas pela evolução derivam de uma raiz comum. As espécies vivas, as que existem e as que desapareceram, são todas relacionadas entre si, como os ramos de uma imensa árvore de pelo menos 3,5 bilhões de anos.

Nas várias tentativas sucessivas da Evolução, o sistema nervoso de todos os seres se aperfeiçoa cada vez mais, de modo irreversível. A consciência também se interioriza cada vez mais. No caso das abelhas e das formigas, por exemplo, ela existe mediante a coletividade. Com os vertebrados, a consciência cresce com o instinto sexual, os sentimentos maternais e educativos. De tal forma que o crescimento da consciência mostra-se inversamente proporcional ao da especialização físico-biológica das espécies ao seu habitat.

No estágio do Pensamento, o ser humano é o menos especializado de todas as espécies, mas também o de maior complexidade; o mais dotado de consciência, a consciência reflexa, pois nele uma vontade de viver universal converge e se hominiza. Dá sentido ao passado e aponta para o futuro.

A Energia radial ou psíquica integra ou interioriza cada vez mais os elementos materiais e corresponde à dimensão psíquica ou espiritual de todo o processo de evolução da Matéria. Teilhard se refere a essa dimensão como “enrolamento do Universo”.

O espiritual é, pois, uma dimensão inerente de todo o Universo em movimento, e a Vida uma função universal, forma superior e específica da ordem cósmica de concentração, de enrolamento material, de interiorização espiritual, de unificação e união, em que ocorre uma “mudança de estado” no aparecimento do poder de reflexão, na linhagem humana. Nas palavras de Teilhard:

> A vida não se complica sem leis e como que por acaso. Pelo contrário, quer tomada em seu conjunto quer tomada no detalhe dos seus orgânicos, ela progride metodicamente, irreversivelmente em direção e estado de consciência cada vez mais elevados. De tal forma que o aparecimento último, e bem recente, do Homem sobre a Terra não é senão o resultado, regular e lógico, de um processo esboçado desde as origens de nosso planeta". (Teilhard de Chardin, O Fenômeno Humano)

4. Continuidade e ruptura da Antropogênese

A paleontologia ainda ignora quando e como ocorreu o momento em que se desencadeou o processo dos hominídeos se separarem dos grandes símios, gerando a bifurcação mais radical na história de sua evolução, na direção da consciência reflexiva. É o momento da Antropogênese, do salto da Evolução para a Noosfera, o estágio da vida do Pensamento, a que Teilhard chama de *Hominização*. Um processo progressivo de continuidade evolutiva, mas que em certa altura teve de admitir a emergência do todo novo por síntese, na passagem para o Humano. Sem ser um processo linear, foi, entretanto, preparado pelos estados precedentes, ainda que dotado de propriedades inéditas, imprevisíveis, e de uma nova especificidade.

A Hominização foi um processo que decorreu de uma sequência de opções de nossos ancestrais hominídeos, quando optaram pelo descendimento das árvores, o que permitiu assumir a postura ereta, liberar as mãos dotadas da façanha do polegar opositor (atributo que os demais primatas não possuem), bem como liberá-las para múltiplas funções que exigiam habilidade e perícia, para criar ferramentas e armas, além das pinturas rupestres.

O desenvolvimento das habilidades manuais polivalentes tem sua contrapartida no aumento do volume e da capacidade cerebrais. O desenvolvimento da consciência ocorre simultaneamente em função dessa unidade de adequação entre corpo, desenvolvimento cerebral, mente, linguagem, simbolização do mundo e a relação vital com a Terra. Essa unidade é que constitui a morada propriamente humana, o Ethos, esse lugar definidor de sua própria natureza e mundo.

Mais. A postura ereta permitiu ao Humano desenvolver a linguagem, deu-lhe um horizonte a partir do qual se situar, criar sua própria natureza, elaborar sua morada propriamente humana — o seu Ethos — a partir da qual não basta sobreviver. Tarefa que lhe é atribuída desde o nascimento da espécie, ela implica o investimento permanente na sua autoconstrução, como viver bem, muito além de seu mero bem-estar.

O campo ético, segundo Toynbee (A Humanidade e a Mãe Terra), é o que nos coloca no dilema do *diabolismo* ou *santidade*.

Escolher a *santidade* tem sido, desde nossos remotos ancestrais humanos, escolher levar adiante o processo inaugurado pela evolução, no investimento na produção de si, pela sua humanização espiritual e ética. Numa perspectiva antagônica e complementar, o *diabolismo* a que se refere Toynbee é ruptura, separação, dilaceramento da unidade de direção primordialmente estabelecida, correspondendo à renúncia que somente o ser humano pode impor a si mesmo, como recusa de querer tornar-se o que ele é, dividido entre o dilema de humanizar-se ou não sobreviver como humano. Das origens aos nossos dias, esse dilema é perene.

Na linguagem da fé, será preciso explicitar a realidade do pecado, como força que nega e se opõe ao sentido da energia radial, que é o Amor, como anti-amor. Permanecerá então a questão: se o antiamor conseguirá se opor e impedir que o processo evolutivo, convergente, unificador, siga adiante. Sob esse ponto, Teilhard é otimista e esperançoso: se o processo chegou até onde estamos, na longa duração de bilhões de anos, certamente seguirá adiante, mais cedo ou mais tarde. Mas a questão permanece.

5. A convergência da Evolução para o Ponto Ômega: o Cristo cósmico

Para Teilhard, a curvatura Espaço-Tempo da Evolução aponta para o futuro, porque convergiu como em um cone, para a singularidade de cada pessoa humana. Se convergiu, é porque tem uma estrutura convergente, cujo foco absoluto de convergência é o Ponto Ômega, o Cristo Cósmico, pois a presença e força dessa Energia radial revela que possui uma dimensão transcendente, divina.

Por essa razão, o sentido de futuro de toda a evolução do Universo vem percebido, de forma sintética, no evento da Revelação e Encarnação de Deus, em seu Filho Jesus Cristo. Estamos então na perspectiva do presente que vislumbra o sentido de futuro, a partir da fé.

Essa não pode ser uma mera conjectura, pois isso tiraria a consistência e a continuidade da Evolução que fez surgir o Homem. Para que seja mantido no coração do ser humano a paixão suficientemente forte para levar adiante o processo de sua hominização até o fim – essa tarefa essencialmente ética, espiritual, humana e divina, ao mesmo tempo – a existência do foco Ômega precisa ser real; fazer sentir sua presença, de algum modo, a todos os elementos reflexivos do Universo.

Ora, isso demanda a abertura e percepção final do Todo, por uma fé na Revelação de um Deus-Amor que é origem e fim do processo. Não por uma especulação metafísica, abstrata, apriorística sobre o ser, e que quer a explicação de tudo; mas por um saber real, fundamentado ele

mesmo nas ciências, caminho para "uma descrição interpretativa da significação do Todo".

Sob o viés da Hiperfísica, há um sentido, uma direção, um rumo, de elevação e convergência, um "para que" de todo o conjunto cósmico. A História Humana é parte desse longo e intricado processo. Não obstante nossas imensas contradições, a História Humana faz sentido, pois o seu sentido se fundamenta numa expectativa de futuro absoluta. Mas sem determinismos, pois se trata de autoinvestimento na liberdade.

O Universo faz jús ao nome, não como uma mera justaposição de coletividades, mas como um todo organizado em que tudo está interconectado a tudo. Nele as variáveis interagem numa tal ordem de grandeza – tanto no macro, quanto no microcosmos – que torna inconcebível sustentar qualquer hipótese do surgimento da Vida como fruto do acaso. Não o acaso, mas a necessidade, diria Teilhard, caracteriza o processo da Vida. Pois "o Homem não poderia se ver completamente fora da Humanidade nem a Humanidade fora da Vida, nem a Vida fora do Universo". Tampouco "somos comparáveis aos elementos [arbitrariamente arranjados] de um buquê, mas às folhas de uma árvore imensa, na qual tudo aparece a seu tempo e em seu lugar exato, à medida e por solicitação do Todo". (Teilhard, Mundo, Homem e Deus).

6. Ciência e fé: a Sobrevida e a expectativa de futuro

Para Teilhard, levar adiante o processo evolutivo é o caminho para a Sobrevida. Ela deve evitar o risco do isolamento, individual ou grupal. "A saída do Mundo, as portas do Futuro, a entrada no Super-Humano... não cederão senão a um só empurrão de todos juntos, numa direção em que todos juntos podem reunir e completar numa renovação espiritual da Terra".

A Evolução no Cosmos e na Terra é ainda processo em convergência e avança pela necessidade da socialização humana, um chamado à Unificação. Unir é ser mais. E a "união diferencia" e personifica. Ela encontra-se em processo pela presença de energias planetárias de compressão e atração.

Corresponde a uma hominização coletiva da espécie, pela associação consciente dos indivíduos, e que faz surgir a Co-reflexão, o aspecto coletivo e socializado da reflexão. A dialética da Socialização opera pelo antagonismo de duas forças, para chegar à Unificação, para onde a Evolução converge.

Há uma energia de compressão, dado o crescimento da população humana no Planeta, com seus 7,2 bilhões de habitantes. Mas a capaci-

dade da superfície da Terra é limitada para tal expansão populacional acelerada. Decorre daí uma compressão crescente, a qual deve levar a Humanidade a se organizar cada vez mais, para constituir um Todo, por uma concentração energética das consciências. Ou se unirá para pensar junto os problemas e aprender a pensar como um conjunto; ou irá perecer.

Optar pela Sobrevida seria o salto para a Unanimização, pela ação da força de atração, força amorosa cuja fonte estaria no Amor Absoluto: o aparecimento de uma consciência humana que une cada vez mais os indivíduos, diferenciando e personalizando sempre mais, cada um como foco de amor e de reflexão. Incluiria ainda a unificação social, integrando os mais pobres; a universalização da tecnologia a serviço do ser humano; e o aprofundamento da visão do Universo.

Da mesma forma que a autoconsciência permitiu o salto para a civilização, a civilização fará o seu salto para a unificação e co-reflexão da humanidade. Se a evolução fez surgir a arquitetura complexa do cérebro humano, fará também o milagre da unificação: para Teilhard, cada singularidade humana, cada pessoa, é uma célula nervosa da civilização, equivalente ao que cada neurônio é para o cérebro, e terá, por isso, que se unir e se articular aos demais.

Nosso sistema nervoso se desenvolveria mais, pela aquisição de um maior número de neurônios e de suas conexões no córtex cerebral, na direção de uma consciência universal. Esta seria a força que sintetizaria a variedade das contribuições culturais e espirituais da Humanidade, então unificada para a Pesquisa e para a Adoração, vocação de todas as pessoas. Estreitaria os laços pessoais na co-reflexão e na conspiração, para constituir com os demais uma unanimidade de amor, promovendo uma renovação espiritual da Terra, ao fazer a Evolução avançar rumo ao Ômega crístico, segundo a identidade das equações: Evolução = Ascenção de consciência; Ascenção de consciência = Efeito de União.

7. A incidência de Teilhard, na perspectiva Sul:

A visão de Teilhard sobre a realidade evolutiva do Universo, e seu sentido convergente em Cristo, é algo digno de consideração. Para além das perdas das utopias antes criadas pelos movimentos sociais, a visão de Teilhard incide numa captação profunda de sentido da realidade, que reinsere o humano na sua luta pela autonomia e liberdade, porém focado agora no todo da humanidade e do planeta. A questão é levar a evolução da humanidade adiante, pela dialética da união que diferencia e personaliza. Porém numa perspectiva tão abrangente, quanto inspiradora, como é a da evolução do Universo, para fundamentar o enfrentamento das desigualdades, que são cada vez maiores em toda a Terra.

No entanto, como os empobrecidos e oprimidos internalizam as imagens negativas com que são vistos pelos que oprimem e ostentam status de poder e riqueza, o trabalho de burilar a autoestima precisará passar por algo mais amplo e consistente, que amplie as conquistas das terapias comunitárias e as rodas de conversa rumo à autonomia.

Aqui, a visão de Teilhard de Chardin traz uma contribuição de enorme valor. Porque na conquista da consciência de si, que assume a narrativa de sua história de vida, como memória coletiva que é parte, também, da história do lugar, é então iluminada por uma perspectiva tão grande quanto o próprio Universo.

Na vida singular de cada pessoa, a longa evolução da Matéria e da Vida no espaço-tempo se fez e se faz história. Convergiu para aí; encontrou aí um terminal de possibilidade, de fazer que essa evolução siga adiante – ou não – segundo o que Teilhard identificou como a unificação e co-reflexão da humanidade.

Há ainda a aproximação da presença dessa Energia radial, fonte inspiradora e mobilizadora de sentido, acessível pelas diversas culturas que desenvolveram técnicas de meditação e oração, sobretudo nas grandes tradições do Oriente.

Acolher esse Ver, como propõe Teilhard, é também uma grande escola para a superação dos preconceitos sócioculturais, que alimentam e perpetuam relações de dominação e de inferiorização, seja entre sexos, entre etnias e entre culturas.

Então a vontade de poder, marca de todo ser humano de que falava Nietzsche, passa a ser, como propõe Rollo May, desejo de autorrealização e autoconscientização. O apoderamento torna-se negação da alienação. Decorre, pois, daí, a importância da educação para barrar ou facilitar o apoderamento.

A Educação Popular, na perspectiva de uma pedagogia libertadora, tem sido mediação fundamental para o apoderamento entre as classes populares. Vale a frase de Paulo Freire, que abre seu livro "Pedagogia do Oprimido", de que "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão". Portanto, o apoderamento pessoal só poderá ocorrer por meio do encontro e segundo a dialética do encontro.

Martin Buber explicitava isso, ao afirmar que "O homem se torna Eu na relação com o Tu", na atitude de encontro de dois parceiros ou parceiras, na reciprocidade e na confirmação mútua, atitude do que cuida do ser e com ele se relaciona. A dialética do encontro implica na superação das barreiras do medo e da insignificância subjetiva e social.

Atitude do encontro para superar o medo:

O medo paraliza e impede emergir o espírito de aventura nas pessoas, fazendo-as submissas e subalternas. A vida não tem efervescência. As pessoas viram normóticas, repetindo rotinas sem pensar.

Ansel Grümn, citando o psiquiatra Fritz Riemann, fala das quatro formas de angústia que podem dominar o ser humano. A realidade de todo ser humano é que ele é fraco e mortal, o que o leva a sentir medo da fragilidade de sua existência. Busca então segurança absoluta nas coisas, na posse, nas pessoas. Não se apropria de seu centro de poder, nem supera o medo por meio de sua fé.

O medo do desvalor da existência leva as pessoas a ambicionarem ser melhor e superior aos outros. Vale para elas a carta do Tarô da Roda da Fortuna: são prisioneiras da verticalidade desta roda, em que os que estão em baixo, querem subir a todo custo; os que estão em cima, querem se perpetuar na posição. Oferece o modelo competitivo, comum ao capitalismo e à sociedade de consumo: o cidadão tem valor, é digno de respeito, se ostentar bens e status social de classe. Sem esses arreios, a pessoa humana se vê e é vista como nada.

No Brasil, mendigos são mortos nas ruas como se fossem coisa. No caso da morte do índio Galdino, em 1997, em Brasília, os jovens que o queimaram vivo disseram: "não sabíamos que era índio, pensávamos que fosse mendigo". Em outra situação, em 2007, no Rio de Janeiro, jovens de classe média alta espancaram e roubaram uma empregada doméstica em um ponto de ônibus. "Nós não sabíamos que era uma doméstica. Pensávamos que fosse prostituta"!

Existe também o medo da culpabilidade da existência. Só de existir, a pessoa já se sente culpada; vira um drama precisar dos outros e acaba no isolamento.

Há ainda o medo de tudo que representa uma ameaça, o que também impede de correr riscos, uma necessidade da alma humana, como bem nos alerta Simone Weil. Sem o risco, o ser humano se encolhe e não é propriamente humano.

Mas há ainda o maior de todos os medos, que é o medo de ser livre, o medo da liberdade, como descreveu Eric Fromm. O medo de apoderar de si, fazer-se autonomia, assumir a responsabilidade de sua existência, e contribuir na esfera pública.

Assumir a perspectiva teilhardiana de Ver o mundo e a evolução é por-se numa visão holística a partir da qual todo o Planeta e toda a humanidade podem ser inspiradores para uma interação criativa e produtiva, em que as pessoas descobrem seu lugar na Terra e no Universo.

Atitude do encontro: superar a insignificância e ofertar/receber a hospitalidade

Outra dimensão que Teilhard contribui é a da superação da insignificância. Em Inocência e Poder, Rollo May observa que nenhum ser humano pode existir muito tempo sem um sentido de sua própria significação. "O indivíduo precisa sentir que conta para alguma coisa e para alguém, e que precisa viver exteriormente esta significação". A falta desse sentido e a luta para alcançá-lo é o que pode estar por trás de muitos atos violentos.

Quando a violência emerge, ela se nutre da perda de poder (impotência) e perda do desejo (apatia). Como a violência pode destruir o poder, mas não substitui-lo, como afirma Hanna Arendt, a violência comumente é a expressão da impotência.

Como esquecer, por exemplo, o massacre de Columbine, em abril de 1999, nos Estados Unidos, realizado por dois jovens, de 18 e 19 anos, em que mataram 15 pessoas e feriram 24, e depois se mataram? Ou no Brasil, o massacre na Escola Municipal em Realengo, Rio de Janeiro, em que Wellington Menezes, de 23 anos, entrou armado e atirando contra estudantes, matando 14 deles, e depois também se matando?

Em todos esses e outros inúmeros casos, o perfil do agressor se enquadra no que R. May descreve como pessoas mergulhadas na insignificância. Os que se encontram engolfados nela, queixam-se de se sentirem *sombras*, *Ets*, ou invisíveis. São indivíduos-objeto carentes de se tornarem sujeitos-pessoa, com autonomia e autodeterminação. Mas sozinhos não conseguem fazê-lo.

Esse processo de reduzir o outro à insignificância atinge dimensões sociais e planetárias graves. Que importa se um bilhão de seres humanos vivem abaixo da linha da pobreza, e na miséria? A insignificância social reduz a condição de dignidade do outro ao infra-humano. Há então perda de unidade da espécie humana no Planeta, o que é contraditório ao sentido de evolução revelado pelo Pe. Teilhard de Chardin, e à integridade do todo da Matéria, como tecido que não pode ser rasgado. Pois, ao contrário do que a indiferença da maioria faz pensar, essa ruptura atinge a todos e a todo o Planeta. Todos sofrem e sofrerão os impactos dessa gigantesca contradição.

Hospitalidade Incondicional:

Todo ser humano precisa experimentar a hospitalidade incondicional, pois esta é a condição fundante para que alguém se sinta pertencente ao mundo propriamente humano. Uma questão que já está posta na

relação mãe-bebê, em que o bebê precisa se ver no espelho do olhar da mãe, a quem cabe oferecer-lhe acolhida, zelo e interesse incondicionais.

A hospitalidade incondicional oferece acolhida ao outro porque é, existe, independente de sua origem, classe, religião ou etnia. Ela traz como a priori que o outro, por ser outro, é confiável e digno de ser trazido para dentro e receber o que de melhor houver para ser oferecido.

Como pontua Jacques Derrida, falando sobre o tema, a hospitalidade incondicional rejeita a roupagem das regras, das convenções e da cortesia, para convidar autenticamente o Outro à sua casa. O discurso que lhe é próprio não é o da palavra, mas o "discurso do silêncio". Por meio das palavras entram as convenções e o controle social, e as relações terminam por ser muito desigual, o que é também humilhante para o despossuído.

A hospitalidade incondicional, segundo Leonardo Boff, está carregada dessa capacidade de sentir e de perceber imediatamente o outro em sua necessidade. Por isso é tão comum entre os pobres. Pois a *compaixão* é-lhe outra característica, como aptidão de esvaziar-se de si para ir ao encontro dos demais com ânimo de acolher e de cuidar, compartilhando a mesma dor do outro. É a oferta e realização do acolhimento pleno da alteridade, da singularidade de cada vida humana, bem-vinda naquilo que ela é, na totalidade do seu ser, mistério carregado de ambivalências e ambiguidades, de luz e trevas, amor e desamor, graça e pecado, mas o que faz de cada um a singularidade que cada um é.

Há um valor irredutível da vida humana, exposto pelo vértice do varal do tempo-complexidade, que a faz digna do acolhimento gratuito total, para que no mistério do encontro, a singularidade se apodere de si, por um poder que vem de dentro e se reconheça no encontro com o outro, para se descobrir como poder-com de interagir com os demais, no exercício da compaixão e do cuidado, para muito além das formas de poder-sobre, opressor e explorador.

Na medida em que o ser humano é impelido a transcender cada vez mais seus limites, fronteiras, barreiras políticas, econômica e psíquicas, sente-se também confrontado com suas experiências de finitude e mortalidade.

Mas o ser humano exige imortalidade pessoal e coletiva, eternidade; busca tornar suas conquistas humanas e éticas uma realidade irreversível. Porém isso somente será alcançado por meio da união espiritual, vocação revelada pela Matéria na sua longa evolução segundo as leis da complexidade. Essa união é amorização das relações interpessoais, universalização do saber, promoção humana, diálogo ecumênico e inter-religioso, ultrapassagem de preconceitos e tabus.

Somente assim, a energia radial, a presença do amor de Deus que nos foi dado em Cristo, poderá levar adiante o processo evolutivo, para que a humanidade caminhe na sua identificação com Cristo, modelo de humanidade humanizada e de vida divina que nos é oferecida gratuitamente. Pois "a camada humana da Terra está inteira e perpetuamente sob o influxo organizador de Cristo encarnado" (Meio Divino).

> "O Amor foi sempre cuidadosamente afastado das construções realistas e positivas do mundo. Um dia terá que se decidir em reconhecer no amor a energia fundamental da vida ou, se quiser, o único ambiente natural no qual se possa prolongar o movimento ascendente da evolução".